Croton floribundus Spreng.

(capixingui, velame)

Família: Euphorbiaceae

Sinônimos: *Croton asper*

Endêmica: sim^{6,3}

Bioma/Fitofisionomia: Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica⁶

Recomendação de uso: Restauração

O capixingui é uma árvore de pequeno porte, com altura de 6 a 10 m, comum em capoeiras e clareiras. É também uma invasora de pastagens e resiste bem às mudanças ambientais. O tronco do capixingui possui casca áspera de cor cinzenta-escura. As folhas são simples e discoloradas (a face superior tem coloração verde escura e a face inferior tem coloração verde clara). A folha, quando retirada do galho, libera um látex aquoso. As flores são bem pequenas, amareladas e melíferas.

Etnobotânica e Histórico

Sua madeira é indicada para caixotaria, carpintaria, obras internas, esteios e brinquedos. Na região de Nazaré Paulista o capixingui era tradicionalmente utilizado para lenha e carvão.

Usos específicos: produtos madeireiros (caixotaria, celulose e papel, construção civil, revestimento decorativo, tabuados, carvão, lenha, movelaria), produtos não madeireiros (apícola, ecológico, medicinal, substâncias tanantes, toxina)^{18,2,3,15,19,14,5}

Características gerais

Porte: altura 5.0-20.0m DAP 5-30cm^{3,5,13,2}

Cor da floração: amarela^{3,1,5}

Velocidade de desenvolvimento: Moderada, Rápida^{3,2}

Crescimento moderado da espécie a partir de informações sobre incremento médio anual em volume (com casca) coletadas em Telêmaco Borba, PR . Contudo outros autores apresentam a espécie como de rápido crescimento.

Persistência foliar: Semidecídua^{3,2}

Sistema radicular: -

Formato da copa: Globosa³

Diâmetro da copa: -

Alinhamento do tronco: Reto^{5,1,3,2}

Superfície do tronco: Lisa^{1,2,3}

Tipo de fruto: Seco deiscente (Cápsula)^{1,5,3,2,8}

Cuidados

Poda de condução e de galhos: -

Pragas e doenças: Coleóptero cerambicídeo *Diploschema rotundicolle* ou broca do caule, com danos leves.³

Acúleos ou espinhos: não^{2,3,1}

Princípios tóxicos ou alergênicos: sim²

Drenagem do terreno: Áreas bem drenadas¹⁶

Áreas bem drenadas, não alagáveis.

Ecologia e Reprodução

Categoria sucessional: Pioneira^{8,3,2,14,13,15,16,12,5}

Polinizadores: Abelha (KINOSHITA et al., 2006). Não especializada (YAMAMOTO et al., 2007).^{10,11}

Período de floração: julho a dezembro^{2,3}

Tipo de dispersão: Autocórica, Zoocórica^{5,12,3,11,10}

Agentes dispersores: Aves, formigas e gravidade^{3,4,5}

Período de frutificação: outubro a fevereiro^{2,7,3}

Associação simbiótica com raízes: sim^{17,3}

São altamente dependentes das associações com fungos micorrízicos arbusculares.

Produção de mudas

Obtenção de sementes: Coleta de frutos na árvore^{5,3,2}

Colher os frutos diretamente da árvore quando iniciarem a abertura espontânea e apresentarem coloração verde-cinza. Isto é facilmente notado pelos estalos provocados pela deiscência explosiva em dias de sol quente. A extração deve ser feita através da trilha manual ou da secagem

ao sol.

Tipo de semente: -

Tratamento para germinação: Tratamento térmico^{3,2,9}

As sementes são termosensíveis, assim necessitam de alternância de temperatura para facilitar a germinação.

Produção de mudas: Recipientes individuais^{5,2,3}

Sementeiras ou tubetes individuais

Tempo de germinação: 4 a 90 dias^{3,9,5,2}

Taxa de germinação: 50 a 70%^{2,5,3}

Número de sementes por peso: 30000/kg^{3,2,7}

Exigência em luminosidade: Exigente em luz^{5,3,2}

Bibliografia

¹ RAMOS, V. S.; DURIGAN, G.; FRANCO, G. A. D. C.; SIQUEIRA, M. F.; RODRIGUES, R. R. Árvores da Floresta Estacional Semidecidual: guia de identificação de espécies. 1. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. v. 1, 312 p.

² LORENZI, H. Árvores brasileiras: manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas do Brasil. 4 ed. Nova Odessa: Instituto Plantarum, 2002. v.1, 368 p.

³ CARVALHO, P. E. R. Espécies arbóreas brasileiras. 1. ed. Brasília: Embrapa Informação Tecnológica, 2003. v. 1, 1039 p.

⁴ CARDOSO-LEITE, E.; COVRE, T. B.; OMETTO, R. G.; CAVALCANTI, D. C.; PAGANI, M. I. Fitossociologia e caracterização sucessional de um fragmento de mata ciliar, em Rio Claro/SP, como subsídio à recuperação da área. Revista do Instituto Florestal, São Paulo, v. 16, n. 1, p. 31-41, 2004.

⁵ CARVALHO, P. E. R. Espécies florestais brasileiras: recomendações silviculturais, potencialidades e uso da madeira. Colombo: EMBRAPA – CNPF; Brasília: EMBRAPA – SPI, 1994. 640 p.

⁶ CORDEIRO, I.; SECCO, R.; CARNEIRO-TORRES, D. S.; LIMA, L. R. de; CARUZO, M. B. R.; BERRY, P.; RIINA, R. G.; SILVA, O. L. M. Croton. In: Lista de Espécies da Flora do Brasil. Rio de Janeiro: Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: . Acesso em: 12 mar. 2013.

⁷ COMPANHIA ELÉTRICA DE SÃO PAULO - CESP. Manual de produção de mudas de essências florestais nativas. São Paulo: Diretoria do Meio Ambiente, 2000. (Série Divulgação e Informação, 244).

⁸ CARUZO, M. B. R. ; CORDEIRO, I. Sinopse da tribo Crotonae Dumort. (Euphorbiaceae) no Estado de São Paulo, Brasil. Hoehnea, São Paulo, v. 34, p. 571-585, 2007.

- ⁹ BDO, M. T. V. N.; PAULA, R. C. de. Temperaturas para a germinação de sementes de capixingui (*Croton floribundus* Spreng - Euphorbiaceae). *Revista Brasileira de Sementes*, Londrina, v. 28, p. 135-140, 2005.
- ¹⁰ YAMAMOTO, L. F.; KINOSHITA, L. S.; MARTINS, F. R. Síndromes de polinização e de dispersão em fragmentos da floresta estacional semidecídua montana, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 21, n. 3, p. 553-573, 2007.
- ¹¹ KINOSHITA, L. S.; TORRES, R. B.; FORNI-MARTINS, E. R.; SPINELLI, T.; AHN, Y. J.; CONSTÂNCIO, S. S. Composição florística e síndromes de polinização e de dispersão da mata do Sítio São Francisco, Campinas, SP, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 20, n. 2, p. 313-327, 2006.
- ¹² SÃO PAULO (Estado). Resolução SMA-8, de 31 de janeiro de 2008 (ANEXO). Listagem das espécies arbóreas e indicação de sua ocorrência natural nos biomas, ecossistemas e regiões ecológicas no Estado de São Paulo. Disponível em: . Acesso em: 20 jan. 2013.
- ¹³ OLIVEIRA FILHO, A. T.; BERF E. V. D.; MARTINS, J. C.; VALENTE, A. S. M. V.; PIFANO, D. S.; SANTOS, R. M. dos; MACHADO, E. L. M.; SILVA, A. P. de C. Espécies de ocorrência do domínio atlântico, do cerrado e da caatinga. In: OLIVEIRA FILHO, A. T.; SCOLFORO, J. R. (Ed.). *Inventário Florestal de Minas Gerais: Espécies Arbóreas da Flora Nativa*. Lavras: UFLA, 2008. cap. 6, p. 421-539.
- ¹⁴ ISERNHAGEN, I. A fitossociologia florestal no Paraná e os programas de recuperação de áreas degradadas: uma avaliação. 2001. 134 f. Dissertação (Mestrado em Botânica) - Setor de Ciências Biológicas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 2001.
- ¹⁵ CARPANEZZI, A. A.; CARPANEZZI, O. T. B. Espécies nativas recomendadas para recuperação ambiental no Estado do Paraná: em solos não degradados. Colombo: Embrapa Florestas, 2006. 57 p.
- ¹⁶ SILVEIRA, C. J. A.; COELHO, A. N.; ROCHA, M. G. B. Nota técnica para o programa de fomento ambiental. Belo Horizonte: Instituto Estadual de Florestas - IEF, 2008.
- ¹⁷ SCABORA, M. H.; MALTONI, K. L.; CASSIOLATO, A. M. R. Associação micorrízica em espécies arbóreas, atividade microbiana e fertilidade do solo em áreas degradadas de cerrado. *Ciência Florestal*, Santa Maria, v. 21, p. 289-301, 2011.
- ¹⁸ CORADIN, L.; SIMINSKI, A.; REIS, A. Espécies nativas da flora brasileira de valor econômico atual ou potencial: plantas para o futuro - Região Sul. Brasília: MMA, 2011. 934 p.
- ¹⁹ BOTREL, R. T.; RODRIGUES, L. A.; GOMES, L. J.; CARVALHO, D. A. de; FONTES, M. A. L. Uso da vegetação nativa pela população local no município de Ingaí, MG, Brasil. *Acta Botanica Brasilica*, Feira de Santana, v. 20, n. 1, p. 143-156, 2006.